



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

NARRATIVAS DE UM PROFESSOR SURDO: INTERSECCIONALIDADE E TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Luciana de Assis Miranda - UFJF
Mylene Cristina Santiago - UFJF

RESUMO

O processo de inclusão de alunos surdos no ensino superior tem sido ampliado em resposta às políticas de ações afirmativas e a partir da oferta de cursos de Letras-Libras nos últimos anos. Ao considerarmos as barreiras linguísticas que envolvem estes estudantes, buscamos compreender como tem sido o processo de acesso e permanência deste grupo na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Nosso referencial teórico abrange pesquisadores voltados para o processo da Educação de Surdos (MAIA, 2017), como também, questões ligadas à interseccionalidade, referenciada por Kimberlè Crenshaw (2002) e Gonzalez (1984). Entendemos que para além da identidade e cultura surda, outros marcadores sociais somam na produção de barreiras à participação e à aprendizagem no espaço acadêmico. Nossa metodologia envolve a entrevista narrativa (PACHÁ; MOREIRA, 2022) como método de pesquisa, que nos possibilita a produção de dados, abordando várias interfaces da interação que compõem questões referentes ao estudante com surdez em seu processo de inclusão no ensino superior. Nossos resultados parciais sugerem a necessidade de ampliar pesquisas com a participação de estudantes surdos, para que possamos compreender suas barreiras e promover culturas, políticas e práticas que ampliem suas oportunidades educacionais nas universidades.

Palavras-chave: Estudantes Surdos, Ensino Superior, Interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as pessoas surdas têm enfrentado uma série de desafios que afetam sua existência na sociedade, incluindo estigmatização, preconceito e processos de segregação. Até o século XVI, os surdos não eram reconhecidos como seres humanos com direitos iguais aos de qualquer outro indivíduo, o que os fazia ser vistos como incapazes de serem educados e inúteis para a sociedade (MAIA, 2017). De maneira geral, ao analisar as formas de tratamento destinadas às pessoas surdas, percebe-se que essas práticas se desenvolveram conforme a concepção de humanidade que prevalecia em diferentes períodos históricos (MERSELIAN, 2012).

Com o passar dos anos, a comunidade surda tem se mobilizado e transformado o contexto em seu benefício. No Brasil, por exemplo, a Educação para surdos tem sido um tema amplamente debatido nas últimas décadas. Em termos de medidas que promovem a acessibilidade para surdos, destaca-se a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a



XXII ENCONTRO LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS, como forma de expressão e meio de comunicação da comunidade surda, composta por um sistema linguístico de natureza viso-motor, com estrutura gramatical própria, capaz de transmitir ideias e fatos dos membros da comunidade surda (BRASIL, 2002). O Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, regulamenta a Lei nº 10.436/2002.

Embora existam muitas discussões importantes que ajudam na vivência do indivíduo surdo como cidadão com direitos específicos, como a questão linguística, enquanto barreira ou promoção de acessibilidade, é crucial destacar que a construção da identidade do surdo, bem como a maneira como suas singularidades e individualidades interagem com os ambientes em que vive, não são abordadas com a devida profundidade. Há uma escassez de pesquisas e estudos no campo acadêmico-científico que tratam das interseccionalidades do indivíduo surdo. Temas como raça, gênero, sexualidade, classe social e carreiras são raramente mencionados, e os processos interseccionais são frequentemente esquecidos.

Portanto, este trabalho se fundamenta na importância de promover debates que busquem aprofundar e dar visibilidade às perspectivas, lutas e identidades diversas da comunidade surda, integrando particularidades essenciais na construção da identidade de cada indivíduo que faz parte dessa minoria. Desta forma, o objetivo principal deste trabalho é investigar, através de entrevista narrativa com um professor surdo, como as diferentes características identitárias impactaram sua trajetória acadêmica.

METODOLOGIA

Para efeito deste trabalho, realizamos uma pesquisa exploratória, através de entrevista narrativa com um professor surdo, realizada em maio de 2024, para elucidar como sua trajetória acadêmica tem sido atravessada interseccionalmente por suas múltiplas identidades. Ressaltamos que esta pesquisa integra um projeto mais amplo com parecer aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e o participante assinou o termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE.

De acordo com Pachá e Moreira (2022), a entrevista narrativa se caracteriza por sua ênfase na compreensão das experiências e vivências dos indivíduos a partir de suas próprias perspectivas. Esse tipo de entrevista proporciona ao pesquisador não apenas acesso às experiências vividas e contadas pelos participantes, mas também à forma como essas histórias são ressignificadas através da narrativa. Assim, a entrevista narrativa se torna um processo de reconstrução dos momentos e experiências relatados.



Destacamos que a entrevista foi realizada em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, língua utilizada pela comunidade surda e, posteriormente traduzida e transcrita para a Língua Portuguesa, pela própria pesquisadora. O entrevistado é homem, negro, surdo, professor, com 43 anos de idade, de origem baiana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Historicamente, o homem cis branco, cristão, heterossexual e de classe média foi estabelecido como o padrão social, estigmatizando aqueles que não se encaixam nesse modelo. Neste cenário, a identidade surda é vista como fragmentada, destacando-se mais do que outras identidades como, gênero, sexualidade, raça, classe social e carreira. Isso leva à simplificação e homogeneização das identidades surdas, reduzindo consideravelmente sua visibilidade como indivíduos distintos com singularidades específicas e particularidades únicas dentro da sua comunidade (MIRANDA, 2017).

Para além de entender como a identidade é formada, é crucial compreender a interseccionalidade e sua relação com esse contexto. Lélia Gonzalez (1935 – 1994) destacou a abordagem isolada dos marcadores sociais em seus estudos, propondo uma análise que conecta esses marcadores, inaugurando assim o estudo da interseccionalidade (GONZALEZ, 1984).

Posteriormente, Kimberlé Crenshaw (2002), cunhou o conceito de interseccionalidade, desenvolvendo estruturas fundamentais para o campo. Metaforicamente a autora explica o termo como a sobreposição e interação de diferentes formas de discriminação, como raça e gênero, por exemplo. Crenshaw elucida:

“[...] faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam (CRENSHAW, 2002, p. 177)”.

A interseccionalidade resulta das interações entre vários marcadores sociais, considerando o privilégio e benefício, na vida cotidiana da pessoa. Refere-se a vulnerabilidade ligada às identidades específicas baseadas em raça, sexualidade, classe social e gênero. A posicionalidade de cada indivíduo é moldada por essas interações e varia conforme o contexto (SARDENBERG, 2015). No contexto da surdez, há uma falta de estudos científicos e acadêmicos. A surdez é frequentemente vista como característica principal do indivíduo,

XXII ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE FÍSICA anulando sua narrativa de vida, limitando a única particularidade atribuída ao grupo que faz parte.

Neste sentido, a partir da transcrição da entrevista com um professor surdo, extraímos trechos que revelam sua trajetória acadêmica marcada por barreiras referentes a questões socioeconômicas e identitárias.

“[...] A situação é muito complexa. Quando ingressei na UFJF não morava em Juiz de Fora, estava morando em São Paulo. Precisei largar tudo em São Paulo e me mudar para Juiz de Fora, afinal o curso duraria 5 anos. Em Juiz de Fora comecei a pagar aluguel, comecei a ficar enrolado financeiramente, e eu não tive informações, na UFJF de bolsas, apoios, de nada! Eu comecei a perceber a existência de bolsas de monitoria e me interessei. [...] tentei seleção para bolsa de iniciação científica e não conseguia aprovação. Comecei a ficar angustiado com todas aquelas situações. Foi quando encontrei um amigo e conversamos, disse que estava triste por não ter sido aprovado em algumas seleções, eu também precisava do dinheiro para poder viver. E meu amigo, já ex-aluno da UFJF, me explicou a existência de uma bolsa, que também apoia alunos, com direito a alimentação. E juntos nos direcionamos ao local para saber mais informações. [...] Após 3 meses de espera do resultado, consegui a bolsa que me auxiliou a pagar aluguel e também a me alimentar. Fiquei feliz e aliviado. Porém, a UFJF não me forneceu essa informação. Essa informação veio de fora!”

O trecho citado evidencia de maneira clara como diferentes dimensões de desigualdade e discriminação se interseccionam na vida de um estudante. A narrativa revela como a falta de informações institucionais sobre bolsas e apoios financeiros afetou, de forma significativa, sua trajetória acadêmica. A interseccionalidade é visível na sua condição financeira, status de aluno migrante e falta de acesso às informações cruciais, demonstrando como essas múltiplas camadas de desvantagem se somam, gerando barreiras adicionais ao seu processo acadêmico e garantia de permanência no ensino superior. No excerto seguinte, o entrevistado reflete sobre a necessidade de a universidade desenvolver políticas que contemple a cultura surda:

“[...] A UFJF precisa entender que a língua oficial da comunidade surda é a Libras, mas não somente isso, ela precisa entender também o que é a cultura surda e pensar “o que é a cultura surda?”. Eu me pergunto a UFJF sabe? Ou ela entende que cultura surda é só o uso da Língua de Sinais e a tradução e interpretação!? Ela precisa olhar para a comunidade surda e ver que existem identidades, exemplo, negros surdos, surdos com ritmos de falas diferentes, surdos com jeitos diferentes, surdos brancos. Precisa ter o entendimento que existem surdos participantes de movimentos sociais, como exemplo, LGBTQIA+, [...]”

O entrevistado destaca a complexidade da identidade surda, enfatizando que a instituição deve reconhecer não apenas a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, mas também a diversidade cultural dentro da comunidade surda, incluindo identidades raciais, orientações sexuais e outras dimensões sociais. Na entrevista, a interseccionalidade é vista na necessidade



de abordar as diferentes formas de exclusão e marginalização que surgem quando identidades múltiplas se sobrepõem, como ser surdo, negro e gay.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo exploratório identificamos a complexidade e a importância de considerar múltiplas identidades sociais e suas interações na análise de desigualdades sociais de pessoas com deficiência, particularmente pessoas surdas, que enfrentam barreiras linguística e que historicamente aprenderam a assumir a identidade e cultura surda em oposição à cultura ouvinte, a que submetidos ao longo de suas experiências familiares, culturais e sociais.

Neste trabalho fica evidenciado a importância de escutar os surdos, para conhecer suas especificidades, necessidades e, de forma dialógica, poder construir novas possibilidades de criar políticas, culturas e práticas sociais e educacionais mais democráticas e inclusivas, com sua participação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União [Internet]; Brasília, 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União [Internet]; Brasília; 2002.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 171-189, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 01 jun. 2024.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, n. 2, p. 223-244, 1984.

MAIA, Maria I. S. **A importância da história dos surdos para o avanço da educação**. Revista Porto das Letras, Porto Nacional, TO, v. 03, n 01. Estudos Linguísticos, p. 101-111, dez.2017.

MERSELIAN, Kátia Tavares; VITALIANO, Celia Regina. **Análise das condições organizadas em uma escola para promover a inclusão de alunos surdos**. Recil, Edições Universitárias Lusófonas. 2012.

MIRANDA, V. M. **Surdez e racialidade: identidades em diálogo no espaço escolar?** Revista da Fundarte, v. 17, n. 33, p. 39-69, 2017. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>. Acesso em: 01 jun. 2024.



XXII ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

SARDENBERG, C. M. B. **Caleidoscópios de gênero**: gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, v. 20, p. 56-96, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28014>. Acesso em: 01 jun. 2024.

PACHÁ, Patrícia; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. **Entrevista narrativa como técnica de pesquisa**. *Synesis, Revista da Universidade Católica de Petrópolis*, v.14, p. 157-168, 2022.